

**A PESQUISA CIENTÍFICA SOBRE AS MISSÕES
DE PAZ BRASILEIRAS: HISTORIOGRAFIA
E EPISTEMOLOGIA NO
CAMPO DA HISTÓRIA**

Carlos Roberto Carvalho Daróz



Resumo: Desde a década de 1940 até os dias atuais, o Brasil vem participando de missões de paz sob a égide da Organização das Nações Unidas e de outros organismos de segurança coletiva, seja disponibilizando observadores, seja desdobrando contingentes de tropas de forças de paz. Apesar dessa longeva participação, somente na primeira década do século XXI, o meio acadêmico passou a elencar as missões/forças de paz como objeto de estudo. O presente estudo tem como propósito realizar um mapeamento da produção científica sobre a temática no Brasil, bem como apresentar três possibilidades teórico-epistemológicas no campo da História para o estudo e a pesquisa acerca das missões/forças de paz.

Palavras-chave: Missões de paz, relações internacionais, teoria da história.

Abstract: From the 1940s to the present day, Brazil has participated in peacekeeper missions under the aegis of the United Nations and other collective security organizations, either by providing observers or by deploying contingents of peacekeeping troops. Despite this long-standing participation, it was only in the first decade of the 21st century that university research began to list peacekeeping missions/forces as an object of study. The purpose of this study is to map scientific production on the subject in Brazil, as well as to present three theoretical and epistemological possibilities in the field of History for studying and researching peace missions/forces.

Keywords: Peacekeeping, international relations, theory of History.

INTRODUÇÃO

As missões de paz caracterizam-se por atividades desenvolvidas no intuito de criar condições para favorecer a paz duradoura em regiões conflagradas pela guerra¹, reduzindo o número de mortos e feridos no campo de batalha e entre os civis, e limitar os riscos de recrudescimento dos conflitos bélicos.

Embora sejam normalmente associadas à Organização das Nações Unidas (ONU)², as missões de paz também foram e são, frequentemente, desencadeadas sob o mandato de outros organismos regionais ou de segurança coletiva, como a Organização dos Estados Americanos (OEA), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a União Africana (UA), a União Europeia (UE), dentre outras³.

Historicamente, no entanto, a partir da criação da ONU, as missões de paz sob sua égide têm sido predominantes, verificando-se em todos os continentes do mundo. Por meio de suas Forças Armadas e de seu Ministério das Relações Exteriores, o Brasil vem participando de missões de paz desde a década de 1940, em escalas variadas de envolvimento, sob o mandato da ONU, majoritariamente, e da OEA, em seis ocasiões⁴.

¹UNITED NATIONS – Department of Peacekeeping Operations (DPKO). *What is peacekeeping?* Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/en/what-is-peacekeeping>>. Acesso em: 10 jul 2019.

²A ONU foi criada em 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial, por 51 países comprometidos com a manutenção da paz e segurança internacionais, objetivando desenvolver relações amistosas entre as nações e promover o progresso social, melhores padrões de vida e direitos humanos. Ver UNITED NATIONS. *History of the UN*. Disponível em: <<https://www.un.org/un70/en/content/history/index.html>>. Acesso em: 10 jul 2019.

³Dentre as missões de paz realizadas fora do espectro da ONU, podemos listar, como exemplo: a missão da OTAN no Kosovo (iniciada em 1999 e ainda em desdobramento), a Força Multinacional da UE na República Centro-Africana (2014-2015), a Força Interamericana da OEA em São Domingos (1965) e a missão da UA no Sudão (início em 2004 e ainda em andamento).

⁴De acordo com Aguilar (2015, p.115), “Desde [1948], o país participou de 53 operações de paz e missões políticas especiais sob a égide da ONU, de seis missões estabelecidas pela OEA e da Missão de Observadores Militares Equador-Peru, criada pelo Grupo Garante.”



A participação do Brasil nessas diferentes missões de paz consiste em oportunidade para ampliar um campo de pesquisa ainda precariamente explorado, passível de apresentar variados objetos de estudo e possibilitar análises sob pontos de vista e abordagens epistemológicas distintas, como as Relações Internacionais, a Geopolítica, o Direito, as Ciências Sociais, a Antropologia e a História, este último campo, o foco do presente estudo.

Embora existam diversos conceitos que procuram definir o que é a História e qual o seu papel enquanto ciência, Marc Bloch a conceitua por sua finalidade, postulando que é “a ciência que estuda os homens no tempo” (Bloch, 2001). Nessa perspectiva, a História abre, para o estudo da participação brasileira nas missões de paz, na condição de fenômeno social a partir da segunda metade do século XX e até os dias atuais, uma gama de possibilidades para a pesquisa científica, capaz de dar-lhe inteligibilidade e responder a questões metodologicamente formuladas.

O propósito deste estudo consiste em mapear a produção historiográfica e científica sobre a temática no Brasil, e também realizar uma discussão acerca de três possibilidades teórico-epistemológicas do campo da História, passíveis de serem instrumentalizadas em proveito da pesquisa acerca das missões de paz com a participação das Forças Armadas brasileiras, particularmente do Exército, ao longo do tempo.

O BRASIL E AS MISSÕES DE PAZ – UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Em seu Artigo 4º, a Constituição Federal brasileira de 1988 elenca como princípios fundamentais para as relações internacionais do País, dentre outros, a “[...] autodeterminação dos povos; [...] igualdade entre os Estados; [...] solução pacífica dos conflitos; [...] cooperação entre os povos para o progresso da humanidade” (Brasil, 1988). Embora as Cartas-Magnas brasileiras anteriormente promulgadas em 1946 e 1967 não expressassem textualmente tais princípios, a tradição diplomática do país já apontava no sentido da conciliação entre as nações e da promoção da paz.

Na qualidade de membro fundador da ONU e comprometido com a solução pacífica e negociada dos conflitos, o Brasil participou, e ainda vem atuando, desde a década de 1940 até os dias atuais, de mais de 50 missões de paz, seja disponibilizando observadores militares, seja enviando contingentes de tropas, que, frequentemente, agregam também policiais e funcionários civis⁵.

Nesse longo percurso, o país já contribuiu com a manutenção da paz mundial com mais de 50 mil servidores, militares e civis. A atuação de observadores militares brasileiros a serviço da ONU teve início ainda nos primeiros anos de funcionamento da instituição. Entre 1948 e 1949, o Brasil destacou diplomatas e oficiais para servirem junto ao Comitê Especial da ONU para os Bálcãs (UNSCOB), estabelecido com o propósito de monitorar e minimizar as tensões provocadas pelas repetidas tentativas de intervenção da Albânia, Bulgária e Iugoslávia na Guerra Civil Grega⁶.

Algumas das missões de paz que reuniram forças brasileiras, por envolverem numerosos contingentes, terem sido desenvolvidas em longa duração ou em razão de sua relevância histórica, tornaram-se paradigmáticas e merecem destaque especial, conforme sintetiza o **quadro 1**:

⁵MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *O Brasil e as operações de manutenção de paz da ONU*. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/4783-o-brasil-e-as-operacoes-de-paz>>. Acesso em: 10 jul 2019.

⁶MINISTÉRIO DA DEFESA. *Missões de paz*. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz>>. Acesso em: 10 jul 2019.

Período	Missão	Local	Mandato	Características	Observações
1956-1967	Força de Emergência da ONU (UNEF)	Faixa de Gaza	ONU	- 1 batalhão de infantaria - 20 contingentes	-
1965	Força Interamericana de Paz (FAIBRAS)	São Domingos	ONU	- 1 batalhão de Infantaria - 1 grupamento de Fuzileiros Navais - 3 contingentes	Comando brasileiro
1993-1994	Operação da ONU em Moçambique (ONUMOZ)	Moçambique	ONU	- 1 batalhão de Infantaria - 1 unidade médica	Comando brasileiro (Fev 1993 - Fev 1994) País lusófono
1995-1997	3ª Missão de verificação da ONU em Angola (UNAVEM III)	Angola	ONU	- 1 batalhão de Infantaria - 1 companhia de engenharia - 2 unidades médicas	País lusófono
2002-2005	Força Internacional para o Timor Leste (INTERFET)	Timor Leste	ONU	- 1 batalhão de infantaria - 1 pelotão de polícia do exército	Na distante Oceania, mas país lusófono.
2004-2017	Missão de Estabilização da ONU no Haiti (MINUSTAH)	Haiti	ONU	- Maior missão de paz já realizada pelo EB: 13 anos - 26 contingentes. - 2 batalhões de infantaria - 1 companhia de engenharia	Comando brasileiro
2011-2021	Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL)	Líbano	ONU	- 1 navio de guerra (fragata ou corveta)	Comando brasileiro da Força-Tarefa Marítima

Quadro 1 – Principais contingentes de Força de Paz brasileiros em missões já encerradas

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em EXÉRCITO BRASILEIRO – Missões de paz. *Missões encerradas*. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/missoes-encerradas>>. Acesso em: 10 jul 2019.

De maneira compreensível, em face do gradual e crescente envolvimento do Brasil nas operações de paz, a historiografia sobre o tema também acompanhou esse movimento, iniciando com escassas obras de memorialistas e, já neste início de século XXI, culminando com uma gama mais variada de trabalhos publicados. Esse acréscimo de interesse pelas produções historiográfica e acadêmica demonstra, quantitativa e qualitativamente, a relevância da pesquisa sobre o tema operações de paz.

No começo das intervenções brasileiras, no entanto, as obras eram raras e com circulação limitada. A participação brasileira na UNEF na Faixa de Gaza, em que pese tivesse ocorrido em longa duração – 10 anos, com 20 contingentes –, rendeu cerca de 20 trabalhos produzidos por seus integrantes, com caráter memorial, como: *Força de paz: o outro lado de uma missão*⁷, de Norberto Soares Paiva; e *Os boinas azuis no Oriente Médio*⁸, escrito por Sílvio Ribeiro. Além desses trabalhos centrados na memória, outras produções mais recentes abordando o papel do Batalhão Suez, resultantes de pesquisas acadêmicas, foram disponibilizadas, como *Batalhão Suez: memória e representação dos soldados brasileiros (1957-1967)*⁹

⁷PAIVA, Norberto Soares. *Força de Paz, o outro lado de uma missão*. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 1989.

⁸RIBEIRO, Sílvio. *Os boinas azuis no Oriente Médio*. Curitiba: Autores Paranaenses, 2013.



e *Batalhão Suez: história, memória e representação coletiva* (1956-2006)¹⁰. O interesse pelas memórias e, especialmente, representações dos integrantes da UNEF pode ser explicado pela longa duração da missão e pelo fato de esta ter sido a primeira operação além-mar, de caráter real, realizada pelo Exército Brasileiro depois da Segunda Guerra Mundial.

Apesar do interesse memorial despertado pelos ex-integrantes da UNEF, as participações brasileiras em forças de paz subsequentes receberam muito pouca atenção no que tange à produção de relatos ou narrativas, o que resultou em uma escassa historiografia. A atuação da FAIBRAS¹¹ em São Domingos, sob o controle da OEA, em 1965, e as participações de contingentes do Exército Brasileiro integrando forças de paz da ONU em Moçambique, Angola e Timor-Leste, nas décadas de 1990 e 2000, praticamente não produziram nenhum registro dos que delas tomaram parte. Tardamente, apenas em 2015, Fernando Velôzo Gomes Pedrosa publicou sua dissertação de mestrado, versando sobre a atuação das tropas brasileiras na FAIBRAS. As atuações na África Meridional e na Oceania são caracterizadas por um verdadeiro vazio historiográfico e, junto com a intervenção em São Domingos, configuram-se como excelentes oportunidades para pesquisas no campo da História, partindo-se do princípio do ineditismo.

Entre 2004 e 2017, o Brasil participou como protagonista da mais longa operação de paz de sua história – a MINUSTAH, no Haiti –, em que exerceu o comando da missão e desdobrou um contingente significativo, que, no auge das operações, consistiu em dois batalhões de infantaria reforçados, uma companhia de engenharia e elementos de estado-maior¹². Em tempos de mídia *online* e devido ao interesse na intervenção brasileira na ilha caribenha, a produção historiográfica foi ampliada substancialmente, contando, novamente, com memorialistas, ex-integrantes dos contingentes, e acrescentando um novo elemento: os jornalistas correspondentes, que, após acompanharem as tropas brasileiras e enviarem as reportagens para seus veículos de imprensa, dedicaram-se a produzir obras de grande valor como fontes históricas.

Dentre as obras contendo relatos e experiências de integrantes da missão, destacam-se *Combate de paz: desejar a paz não era o suficiente, foi preciso fazê-la*¹³, *Um soldado brasileiro no Haiti*¹⁴ e *Querido Haiti: uma missão de paz*¹⁵, este escrito por uma oficial médica do Exército Brasileiro que participou do 13º contingente.

Os trabalhos jornalísticos mais relevantes durante os 13 anos da MINUSTAH foram resultado do acompanhamento dos repórteres junto à tropa brasileira, como os produzidos por Tahiane Stochero¹⁶ e Rodrigo Alvarez¹⁷, este mais focado nos trágicos dias que sucederam o terremoto de 2009. Escritos em linguagem jornalística, ambos constituem importante fonte primária para os pesquisadores interessados no estudo das forças de paz brasileiras no Haiti.

⁹ARRAES, Ricardo. *Batalhão Suez: memória e representação dos soldados brasileiros (1957-1967)*. Teresina: Editora UFPI, 2014.

¹⁰LOPES, Fabiano Luís Bueno. *Batalhão Suez: história, memória e representação coletiva (1956-2006)*. Curitiba: [s.e.], 2006.

¹¹PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. *Violência e pacificação no Caribe*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2015. Sobre a participação do Brasil na intervenção em São Domingos, sob a mesma perspectiva da História Comparada, ver também BOTEGA, Leonardo da Rocha; MORGENFELD, Leandro. *Argentina, Brasil e o conflito de Santo Domingo* (1965), *Opsis*, Catalão, v. 14, n. 1, p. 140-158, jan/jun 2014.

¹²FRANCO, Mariana; STOCHEIRO, Tahiane. *Missão de paz no Haiti: veja altos e baixos nos 13 anos de presença militar brasileira*. G1, Rio de Janeiro, 30 ago 2017.

¹³MOREIRA, Luciano. *Combate de paz: desejar a paz não era o suficiente, foi preciso fazê-la*. São Paulo: Baraúna, 2010.

¹⁴RUPPENTHAL, Tailson. *Um soldado brasileiro no Haiti*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

¹⁵KETTNER, Joanine Gerardi. *Querido Haiti: uma missão de paz*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2013.

¹⁶STOCHEIRO, Tahiane. *DOPAZ: como a tropa de elite do Exército Brasileiro pacificou a favela mais violenta do Haiti*. São Paulo: Objetiva, 2008.

¹⁷ALVAREZ, Rodrigo. *Haiti, depois do inferno*. Rio de Janeiro: Globo, 2010.



Outra categoria surgida das conflagradas ruas de Port au Prince foi a literatura técnica, materializada pelo trabalho de Expedito Stephani Bastos, um dos maiores especialistas do país no estudo de veículos blindados. Depois de uma temporada no Haiti, publicou um trabalho sobre a utilização de viaturas blindadas pelas tropas do Exército e dos Fuzileiros Navais¹⁸.

UM NOVO OBJETO – O DESPERTAR DA ACADEMIA PARA AS MISSÕES DE PAZ

Se a historiografia reflete uma tendência pouco consistente, praticamente ignorando as intervenções em Moçambique, Angola e Timor Leste, as universidades brasileiras somente despertaram para a temática na primeira década do século XXI, quando se pôde verificar, nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), um interesse recorrente por pesquisas sobre as operações de paz, em diferentes programas e em cursos variados. Buscando retomar o tempo perdido, em muitas universidades, sobretudo nos cursos de Relações Internacionais e de História, o tema tem sido selecionado como objeto de pesquisa privilegiado.

No sentido de confirmar tal tendência, acessamos o *Caderno de Teses e Dissertações* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação¹⁹, e, utilizando filtros e palavras-chave adequados²⁰, chegamos a um total de 25 dissertações e teses que abordam, direta ou indiretamente, as operações de paz com a participação do Brasil. A análise qualitativa e quantitativa dos dados referentes às operações de paz desencadeadas por forças militares e policiais brasileiras possibilita mapear as pesquisas já realizadas e estabelecer um panorama atualizado sobre a busca de conhecimentos sobre as operações de paz do país²¹.

Uma primeira conclusão acerca da produção acadêmica é que, embora as forças de paz brasileiras tivessem iniciado suas atividades na década de 1940 do século passado, foi somente a partir de 2006 que ocorreu uma procura substancial pela temática. Do recorte selecionado, 20 pesquisas foram desenvolvidas no nível mestrado e apenas 5 para a obtenção do título de doutor²².

Os programas de pós-graduação nos quais os temas ligados às operações de paz foram desenvolvidos também são bastante diversificados em nossa amostra, variando da Medicina às Ciências Sociais, com uma prevalência nos campos das Relações Internacionais e da História. O **gráfico 1** deixa clara a diversidade dos cursos que estudam, de formas diferenciadas, os temas relacionados com as operações de paz:

¹⁸BASTOS, Expedito Stephani. *Blindados no Haiti*: MINUSTAH, uma experiência real. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

¹⁹MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Caderno de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Catálogo de teses e dissertações*. Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/). Acesso em: 11 jul 2019.

²⁰Na pesquisa foram utilizadas as seguintes palavras-chave: operações de paz, forças de paz, forças da ONU, Batalhão Suez, Faibras, Minustah.

²¹No âmbito acadêmico, além das teses e dissertações estudadas no presente artigo, ver AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. *Brasil em Missões de Paz*. São Paulo: Usina do Livro, 2005; FETT, Priscila Liane. *Operações de Manutenção da Paz da ONU*. Brasília: FUNAG, 2013; e REZENDE, Lucas Pereira. *O engajamento do Brasil nas Operações de Paz da ONU*. Curitiba: Appris, 2012.

²²MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *op.cit.*

Cursos de pós-graduação

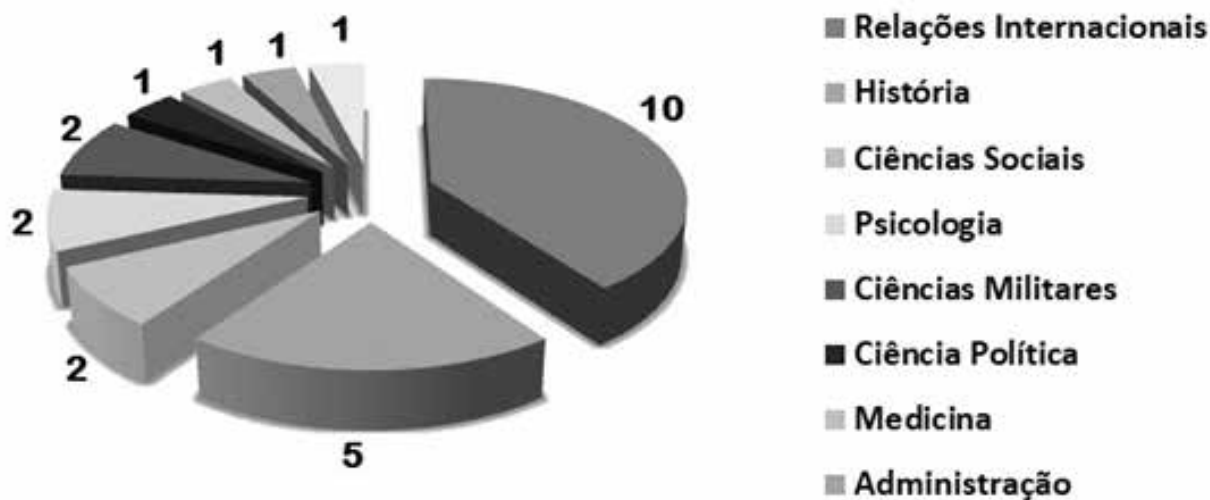


Gráfico 1 – Cursos de Pós-graduação com tema operações de paz

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Caderno de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Catálogo de teses e dissertações. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 11 jul 2019.

Em outra perspectiva, o interesse da academia pela MINUSTAH também se mostrou majoritário, embora outras forças de paz, não contempladas na historiografia, foram trabalhadas pelos pesquisadores, conforme aponta o gráfico 2.

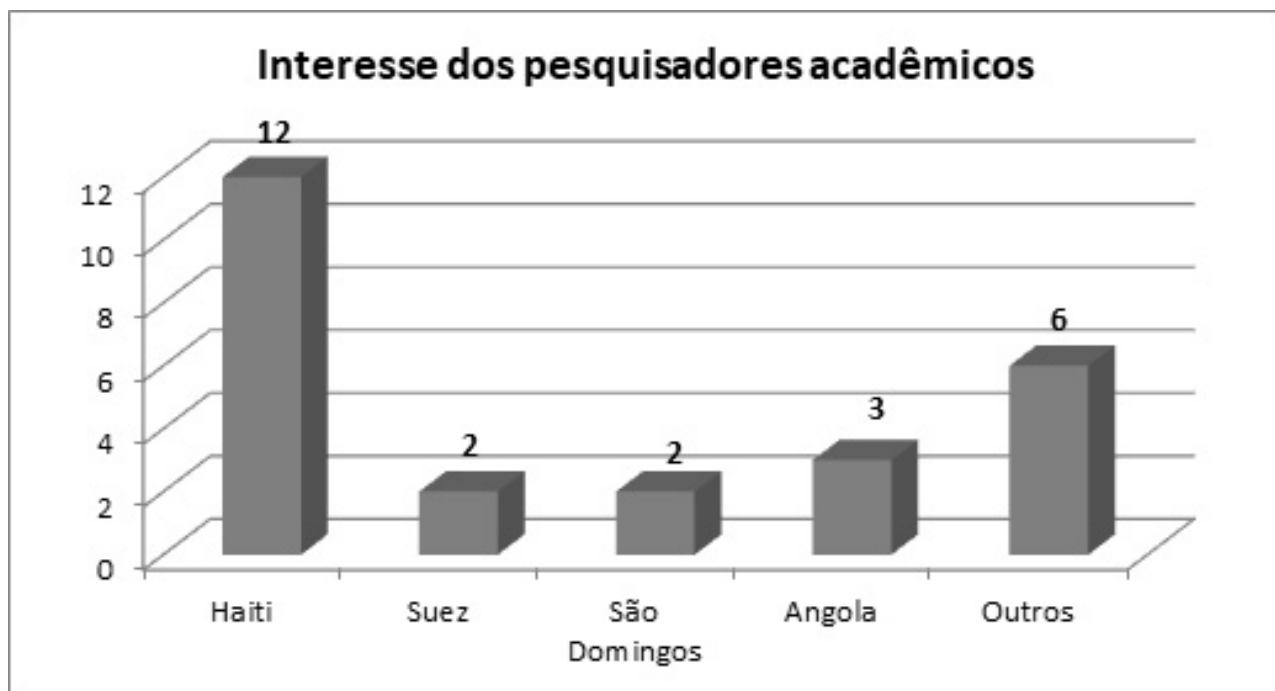


Gráfico 2 – Interesse dos pesquisadores acadêmicos

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Caderno de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Catálogo de teses e dissertações. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 11 jul 2019.

Sob a ótica qualitativa, a diversidade de temas, associada aos distintos cursos de pós-graduação, fortalecem as possibilidades que possui a pesquisa científica com objeto nas operações de paz. Utilizando a mesma amostra, é possível observar, no **quadro 2**, a variedade temática e de campo, consubstanciada nas teses e dissertações produzidas a partir do ano 2000:

Título de pesquisa	Ano	Campo	Instituição
Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (2004-2011): problemas, progressos e desafios	2013	Relações Internacionais	UNESP
Haiti: da crise à MINUSTAH	2009	Relações Internacionais	URGS
A transformação da reforma do setor de segurança nos contextos de Operações de Paz da ONU: o caso do Haiti	2016	Relações Internacionais	UNESP
A atuação militar brasileira na MINUSTAH: estratégias de enfrentamento das gangues no Haiti	2015	Relações Internacionais	UNB
A primeira operação de manutenção de paz das Nações Unidas no Haiti (1995-1996)	2008	Relações Internacionais	UNESP
A intervenção da ONU em Angola (1988-1999)	2006	Relações Internacionais	URGS
Heróis ou Vilões? O abuso e a exploração sexual por militares em missões de paz da ONU	2009	Relações Internacionais	PUC-RJ
Construção do Estado e democratização do Haiti: uma análise das intervenções da ONU sob o Enfoque da Segurança Humana (1993-1996 e 2004-2008)	2009	Relações Internacionais	UNB
1989-1999: os 10 anos de Operações de Paz em Angola	2009	Relações Internacionais	UNESP
Batalhão Suez: História, memória e representação coletiva (1956-2000)	2006	História	UFPR
História, Memória e Deserto: Os soldados Brasileiros no Batalhão Suez (1957-1967)	2009	História	UFF
O uso da força em operações de manutenção da paz: uma análise comparada entre as missões das Nações Unidas no Haiti (1994-2010)	2010	História	UFRJ
Operações de paz à brasileira – uma forma antiga e particular ou uma nova projeção de poder? Um estudo de caso da MINUSTAH	2011	História	UFRJ
República Dominicana e Haiti: Tropas Brasileiras em Missões de Paz (1965-2005)	2013	História	FGV/RJ
Trabalho emocional dos militares do Exército Brasileiro nas missões de paz das Nações Unidas	2011	Administração	UFRJ
Malária em militares brasileiros integrantes de missão internacional de paz em Angola	2000	Medicina	UFRJ
O papel do Brasil na “pacificação” e reconstrução do estado haitiano através da MINUSTAH: a turva fronteira entre espaços de segurança nacionais e internacionais	2018	Ciências Sociais	UFABC
Comunicação social nas operações de paz: o discurso da MINUSTAH no Haiti (2004-2011)	2017	Ciências Sociais	UNESP
O Brasil e a intervenção na República Dominicana: a política externa brasileira no Governo Castello Branco (1964-1967)	2007	Ciência Política	UFF
Força Militar de Paz no Haiti (MINUSTAH): stress e estressores dos quatro primeiros contingentes brasileiros	2008	Psicologia	UFRJ
Peacekeepers e controle do estresse nas Missões de Paz: um estudo das funções da religião no processo de enfrentamento	2016	Psicologia	USP
O emprego de tropas brasileiras no Oriente Médio: implicações e desdobramentos	2018	Ciências Militares	ECEME
A participação do Exército Brasileiro nas operações de paz da ONU pós-Guerra Fria: um vetor da diplomacia, por meio da “diplomacia de defesa”	2014	Ciências Militares	ECEME
O uso da força nas operações de paz das Nações Unidas. Estudos de caso: Somália.	2007	Direito	UERJ

Quadro 2 – Temas de pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* acerca das operações de paz

Fonte: Elaborada pelo autor, com base em MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Catálogo de teses e dissertações*. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 11 jul 2019.



Analisando as tendências do **quadro 2**, é possível verificar a predominância dos pesquisadores filiados às Relações Internacionais e à História, embora investigadores de outras áreas do conhecimento inicialmente menos previsíveis, como Medicina, Psicologia e Direito, também tenham elencado as operações de paz como seus objetos de pesquisa.

Diante desse cenário de renovação na pesquisa sobre temas de operações e forças de paz, passamos a apresentar e analisar três linhas epistemológicas²³ no campo da História, que encerram, em si, possibilidades viáveis de investigação e pesquisa, tendo, como objeto, as missões de paz, particularmente aquelas que tiveram o concurso das forças militares e policiais brasileiras. Mais do que estabelecer um modelo, pretendemos assinalar as possibilidades de diálogo com outros campos do conhecimento na pesquisa acerca do tema.

A HISTÓRIA MILITAR E SUAS NOVAS ABORDAGENS

Uma das possibilidades teóricas para estudar as operações de paz é a História Militar, um dos gêneros mais antigos da historiografia, cujo início pode ser creditado a Heródoto e Tucídides (Moreira, 2012). Nos textos antigos, a onipresença dos fenômenos bélicos reflete a importância que a guerra sempre desempenhou para o homem. Ela, no entanto, começou a ganhar um caráter autônomo no século XIX, na esteira dos movimentos nacionalistas, quando foi utilizada para legitimar o Estado nacional e construir sua identidade, e serviu em diversas oportunidades como elemento fundamental em narrativas a serviço da construção da nacionalidade (Teixeira, 1991).

O militar prussiano Carl von Clausewitz é um exemplo clássico desse posicionamento. Sua obra seminal *Da Guerra*²⁴, publicada na década de 1830, ocupa-se de estudar a formação e a consolidação do Estado, associando-as a um exame político e social da guerra e à normatização da forma de como levá-la a termo (Keegan, 2006).

Tradicionalmente, antes dele, a História Militar tinha seus estudos centrados nas guerras, campanhas, batalhas e nos feitos dos grandes generais. Para o historiador britânico John Keegan, “a história militar [...] tem, em última análise, de tratar da batalha” (Keegan, 2000, p. 28-30). Fortemente influenciada pela escola metódica²⁵, por se caracterizar por uma história descritiva em busca de apresentar o ideal dos “fatos como aconteceram”, a História Militar do século XIX ficou conhecida, depreciativamente, como “história-batalha”. A coletânea *Historiographies, concepts et débats*, organizada pelos historiadores franceses Christian Delacroix, François Dosse, Patrick Garcia e Nicolas Offenstadt, postula que “história-batalha” é uma expressão geralmente polêmica, que designa uma história centrada nos acontecimentos mais significativos e políticos da história, escrita em torno dos governantes e dos grandes personagens (Delacroix *et al.*, 2010).

²³No presente estudo, selecionei apenas três campos da História: História Militar, História Global e História do Tempo Presente. Existem, no entanto, outras possibilidades teórico-metodológicas de investigação, como a História Comparada, a História Política, a História das Instituições, a História Social, dentre outras.

²⁴CLAUSEWITZ, Karl von. *Da guerra*. Disponível em: <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>>. Acesso em: 24 jul 2017.

²⁵A Escola Metódica Rankeana baseava-se no texto *O conceito da História universal*, do alemão Leopold von Ranke, publicado em 1831. Ranke estabeleceu como o historiador deveria se comportar diante do seu objeto de pesquisa, modelo que possibilitou a consolidação da História enquanto campo científico, e permaneceu como paradigma até a primeira metade do século XX, quando foi superada pela renovação metodológica e historiográfica processada pela escola dos Annales.



Com o surgimento dos *Annales*²⁶ e o advento da Nova História, derivada dos debates, no princípio do século XX, verificou-se uma forte rejeição à História Política e à história dos acontecimentos. Uma nova forma de fazer História surgiu, pretendendo ser uma “História Total”, rejeitando a divisão em histórias parciais: política, diplomática, militar, econômica, dentre outras (Guriêvitsh, 2003). Propunha a construção de uma História elaborada “de baixo para cima”, ou seja, baseada nos feitos de pessoas comuns, e não apenas das grandes personalidades políticas e militares nacionais, bem como uma diversificação das fontes utilizadas²⁷. Sob esse novo enfoque, a História Militar, centrada no estudo da batalha, passou a uma condição de isolamento e marginalidade, sob a crítica de ser uma história factual, que não relacionava a dimensão militar da sociedade com seus aspectos mais amplos (Moreira, 2012).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e sob o impacto do trauma provocado pela Guerra do Vietnã, processou-se, nos Estados Unidos da América (EUA), uma importante renovação historiográfica²⁸, que favoreceu a transição da História de uma história tradicional, de caráter descritivo, para uma nova modalidade, de natureza crítica. Claramente influenciada pela Nova História Cultural, seus principais objetos de estudo eram as relações entre as instituições militares e a sociedade, na perspectiva de que, como instituição, o Exército refletia a cultura nacional e exercia um impacto sobre ela (Matalof, 1982). O fenômeno guerra evoluiu de uma dimensão unicamente militar para uma condição total, na qual as operações de combate não se restringiam mais ao campo de batalha, mas afetavam toda a sociedade, com os meios de destruição impactando-a em diferentes níveis (Pedrosa, 2011). Nessa perspectiva, essa renovação metodológica na História Militar trouxe importantes aportes para o estudo histórico das instituições militares, para muito além da batalha, ampliando o debate sobre temas militares, antes timidamente explorados, mas extremamente relevantes para a compreensão do papel dos exércitos em campanha.

Aprofundando ainda mais essa renovação metodológica no campo da História Militar, os historiadores brasileiros Arno Wehling e Marcos Sanches alertam que, ao lidar com a categoria “guerra”, é preciso estar atento ao fato de que a história da guerra, assim como a própria história, não é um fenômeno linear e universal, mas possui uma historicidade que varia de acordo com a temporalidade e, mais ainda, assume um significado diferente nas diversas culturas humanas²⁹. Assim, torna-se inviável pensar fenômenos sociais, como a guerra, sem o estabelecimento prévio de estreitos vínculos com estruturas maiores, sujeitas a uma dinâmica específica e histórica, como a sociedade e a cultura (Parente, 2006).

Nessa perspectiva teórica, as operações de paz podem ser estudadas sob diversos enfoques, com base no estudo de guerra e paz, da teoria do conflito, das instituições militares e da geopolítica, todos eles temas transversais, característicos da História Militar.

²⁶A escola dos *Annales* é um movimento historiográfico do século XX que se constituiu em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, propunha-se a ir além da visão metódica da história como crônica de acontecimentos, substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, com o objetivo de tornar inteligíveis a civilização e as mentalidades.

²⁷Sob essa renovação teórico-metodológica, envolvendo a diversificação de fontes e uma História feita “de baixo para cima”, que vai além do estudo da trajetória das lideranças e grandes personagens, foi possível escrever a história de referências da História Militar brasileira, como o sargento Max Wolf Filho, do aspirante Francisco Mega e de D. Rosa da Fonseca.

²⁸Sobre a renovação da História Militar processada nos EUA, ver WEIGLEY, Russel (org.). *Novas dimensões da História Militar*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1981; e PARET, Peter. *The history of war and the new military history*. In: PARET, Peter. *Understanding war: essays on Clausewitz and the history of military power*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

²⁹Ver WEHLING, Arno. *A pesquisa da História Militar Brasileira*. Revista Da Cultura, Rio de Janeiro, n. 1, p. 35-38, 2001; e SANCHES, Marcos Guimarães. *A Guerra: problemas e desafios do campo de história militar brasileira*. Revista Brasileira de História Militar, Rio de Janeiro, n. 1, p. 6-16, abr 2010.



AS FRONTEIRAS ABERTAS PELA HISTÓRIA GLOBAL

A chamada História Global desenvolveu-se a partir dos EUA, na década de 1980, como uma reação às guinadas pós-modernas, consideradas por alguns historiadores daquele país como demasiadamente abstratas e suscetíveis à elaboração de respostas vagas e pré-estabelecidas para os problemas formulados (Wilder, 2012). Promove a superação do nacionalismo metodológico (Conrad, 2016), problematiza e analisa eventos históricos e processos em uma perspectiva global, com caráter transnacional, privilegiando o estudo das conexões entre atores, civilizações, culturas, impérios, regiões e países distintos, suas influências e seus impactos (Hare; Wells, 2015).

Embora a História Global seja mais frequentemente instrumentalizada para estudar temas ligados à economia, à escravidão, à circulação de mercadorias, ao capitalismo e à sociedade, dentre outros, as relações internacionais, a diplomacia, as guerras e as operações de paz que envolvem atores estrangeiros são categorias bastante apropriadas para serem apreciadas pelo campo, uma vez que, essencialmente, são promovidos por agentes extranacionais, que exercem influência e são impactados entre si.

Em termos metodológicos, o campo propõe-se a analisar eventos e processos privilegiando uma dimensão global, em detrimento das dinâmicas locais e transcendendo as fronteiras nacionais e a história do Estado-Nação (Conrad, 2016).

Rafael Marquese observa a capacidade da História Global de transpassar as fronteiras nacionais, mas também desfaz uma tentação de confundir o campo com o conceito de globalização, tão difundido na década de 1990. Para ele (2019, p. 16), a abrangência da História Global

não pode ser apenas geográfica ou mascarar conflitos e contradições, sob o risco de se equiparar à já puída ideologia da globalização. Faz-se necessário construir uma perspectiva que seja capaz de contemplar diferentes dimensões temporais e espaciais, variando escalas de observação, articulando estruturas e eventos e evitando, ao mesmo tempo, o etnocentrismo e determinismos de ordens variadas.

No desenvolvimento conceitual da História Global, Marquese apresenta sua proposta para o estudo das histórias conectadas, reconhecendo a possibilidade de sistematização do campo.

A promessa da história global – eis meu argumento – reside no estudo das totalidades abertas, isto é, de fragmentos do globo integrados por meio de laços diversos (econômicos, sociais, políticos, culturais) que assumem uma dada configuração dinâmica e sistêmica (Marquese, 2019, p. 17).

O historiador alemão Sebastian Conrad (2016) centra suas análises globais nas conexões estabelecidas entre culturas, civilizações, regiões, mercados, impérios e países, e nas transformações estruturais proporcionadas por essas relações³⁰. Tal abordagem teórica abre um caminho para pensar a inserção do Brasil nas operações de paz por meio das conexões que possuía, em cada época, com outros países e regiões em uma escala global, sobrepondo-se à busca de explicações essencialmente nacionais, baseadas em uma dinâmica própria e doméstica.

³⁰CONRAD, *op. cit.*



Além de romper com o nacionalismo metodológico, a História Global empreende uma nova problematização acerca das questões de centralidade e periferias, resultando em uma abordagem diferenciada que procura superar o eurocentrismo e lançar um olhar sobre regiões consideradas periféricas pela historiografia tradicional, sobretudo a europeia (Ibid.). Assim, ao estudar o desenvolvimento das operações de paz nas quais o Brasil tomou parte, percebemos um deslizamento geográfico da Europa para os demais continentes do mundo, tradicionalmente considerados periféricos: Ásia, Oceania, África e Américas. Nesse contexto, é possível pensar, preliminarmente, que a participação do Brasil nas operações de paz também atendeu a uma orientação global.

A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DEBATE

Encontramos uma terceira possibilidade para se pensar a pesquisa histórica das operações de paz na História do Tempo Presente, campo de estudos históricos inaugurado na França com a criação do *Institut de l'histoire du temps présent* (1978-1980) por François Bédarida, com o objetivo de trabalhar sobre o passado próximo. Surgiu, dentre outras motivações, como uma demanda da sociedade, que buscava explicações para eventos catastróficos ocorridos na primeira metade do século XX, como as duas guerras mundiais e o holocausto promovido pelo nazismo, e em razão da ascensão de movimentos memoriais na Europa (Arend, 2009).

Nessa perspectiva, a História do Tempo Presente procura produzir um conhecimento provisório, uma história breve, ainda não acabada, que tem como propósito trazer respostas de curto prazo para a sociedade. Por meio dela, conforme postula o filósofo da história francês Henry Rousso (2016), o

[...] historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua, a partir de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a compreensão de um passado distante, mas uma compreensão que vem de uma experiência da qual ele participa como todos os outros indivíduos.

A História do Tempo Presente abarca, metodologicamente, uma pluralidade de fontes, com ênfase para o testemunho oral, alicerçado na memória, documentos, e notícias veiculadas na imprensa, respeitadas as necessárias salvaguardas quanto às críticas interna e externa a elas vinculadas. A diversificação e a grande quantidade de fontes a serem analisadas e selecionadas representam verdadeiro desafio para o historiador do tempo presente, e produzem a sensação de um inesgotável armazém de análises e investigações possíveis (Chartier, 2006).

Assim, o campo de estudos torna-se bastante adequado para a pesquisa de operações de paz, quando os agentes e atores ainda estão vivos e disponíveis para serem entrevistados pela história oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 1948, o Brasil vem participando ativamente dos esforços mundiais para a manutenção da paz, vinculando-se e atuando sob o mandato de organismos internacionais de segurança coletiva. Nesse



recorte de tempo, participou de mais de 50 operações de paz, culminando com a liderança na MINUSTAH, no Haiti, naquela que foi a maior das operações das quais o país tomou parte.

Mais do que discutir ou problematizar a participação das forças militares e policiais brasileiras em operações de paz, o presente estudo dedicou-se a analisar qualitativa e quantitativamente como a pesquisa científica no Brasil enquadra a atividade.

Mapeando e analisando a produção historiográfica sobre a UNEF em Suez, verifica-se a prevalência de relatos de experiência de cunho memorialista. A intervenção da OEA em São Domingos, na década de 1960, e o incremento de missões sob a égide da ONU na transição dos séculos XX para XXI, na África Meridional e no Timor, não foram acompanhados de uma produção correspondente ou relevante, não despertando grande interesse de pesquisa.

O protagonismo brasileiro na MINUSTAH e a longa duração da missão trouxeram, por outro lado, um renovado interesse na produção de relatos e experiências, seja de caráter memorial, jornalístico ou acadêmico.

Ainda que tardiamente, a partir de meados da primeira década do século XXI, verificou-se um despertar na academia para temas ligados às operações de paz, envolvendo as missões mais antigas (UNEF, FAIBRAS), mas, novamente, com predomínio de interesse na MINUSTAH.

Além de mapear a produção científica, como segundo objetivo do trabalho, procuramos apresentar possibilidades de pesquisa no campo da História, não como modelo a ser seguido, mas como oportunidade de diálogo epistemológico e metodológico com outros campos do conhecimento. Nesse sentido, destacamos os campos da História Militar, História Global e História do Tempo Presente como caminhos viáveis para a pesquisa científica tendo como objeto a participação do Brasil nas operações de paz.

Cabe ressaltar a importância da pesquisa sobre esse tema para o Exército Brasileiro e indicar caminhos a serem desbravados pelos pesquisadores, visto que existem dezenas de temas inéditos a serem explorados, como as operações em Angola, Moçambique e Timor-Leste, virtualmente sem produção científica adequada.

Por fim, entendemos que a História enquanto campo científico do conhecimento encerra em si uma grande capacidade de diálogo com outras disciplinas e constitui-se em valioso caminho para estudar a participação do Brasil nas operações de paz.

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (org.). *Brasil em Missões de Paz*. São Paulo: Editora Usina do Livro, 2005.

AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. A participação do Brasil nas Operações de Paz: passado, presente e futuro. *Brasiliانا – Journal for Brazilian Studies*, Copenhagen, v. 3, n. 2, p. 113-141, mar 2015.

ALVAREZ, Rodrigo. *Haiti, depois do inferno*. Rio de Janeiro: Globo, 2010.

AREND, Sílvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. Sobre a História do Tempo Presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan/jun 2009, p. 202.



- ARRAES, Ricardo. *Batalhão Suez: memória e representação dos soldados brasileiros (1957-1967)*. Teresina: Editora UFPI, 2014.
- BASTOS, Expedito Stephani. *Blindados no Haiti: MINUSTAH, uma experiência real*. Juiz de Fora: UFJF, 2012.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOTEGA, Leonardo da Rocha; MORGENFELD, Leandro. *Argentina, Brasil e o conflito de Santo Domingo (1965)*, Osis, Catalão, v. 14, n. 1, p. 140-158, jan/jun 2014.
- BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Exército Brasileiro – Missões de paz. *Missões encerradas*. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/missoes-encerradas>>. Acesso em: 10 jul 2019.
- BRASIL. Ministério da Defesa – Missões de paz. *O Brasil na Unifil (Líbano)*. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-unifil-libano>>. Acesso em: 11 jul 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação – Caderno de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Catálogo de teses e dissertações*. Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/). Acesso em: 11 jul 2019.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *O Brasil e as operações de manutenção de paz da ONU*. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/4783-o-brasil-e-as-operacoes-de-paz>>. Acesso em: 10 jul 2019.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CLAUSEWITZ, Karl von. *Da guerra*. Disponível em: <https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>. Acesso em: 24 jul 2017.
- CONRAD, Sebastian. *What is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.
- DELACROIX, Christian et al. *Historiographies: concepts et débats*, v. 1. Paris: Gallimard, 2010.
- DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO. *CEPHiMEx – Histórico*. Disponível em: <<http://www.dphcex.eb.mil.br/noticias/2-uncategorised/209-historico>>. Acesso em: 13 jul 2019.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. Missões de paz. *Missões encerradas*. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/missoes-encerradas>>. Acesso em: 10 jul 2019.



FRANCO, Mariana; STOCHERO, Tahiane. *Missão de paz no Haiti: veja altos e baixos nos 13 anos de presença militar brasileira*. *G1*, Rio de Janeiro, 30 ago 2017.

GURIÊVITCH, Aaron. *A síntese histórica e a Escola dos Anais*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HARE, J. Laurence; WELLS, Jack Wells. Promising the World: surveys, curricula, and the challenge of Global History. *History Teacher*, Long Beach, v. 48, n. 2, p. 371-388, fev 2015.

KEEGAN, John. *A face da batalha*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KETTNER, Joanine Gerardi. *Querido Haiti: uma missão de paz*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2013.

LOPES, Fabiano Luís Bueno. *Batalhão Suez: história, memória e representação coletiva (1956-2006)*. Curitiba: [?], 2006.

MATALOFF, Maurice. A natureza e o escopo da história militar. In: WEIGLEY, Russel (org.). *Novas dimensões da história militar*, v. 2. Rio de Janeiro: Bibliex, 1982.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Missões de paz. *O Brasil na Unifil (Líbano)*. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-unifil-libano>>. Acesso em: 11 jul 2019.

MINISTÉRIO DA DEFESA. *Missões de paz*. Disponível em <<https://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz>>. Acesso em 10 jul. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Caderno de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Catálogo de teses e dissertações*. Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/). Acesso em: 11 jul 2019.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *O Brasil e as operações de manutenção de paz da ONU*. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/4783-o-brasil-e-as-operacoes-de-paz>>. Acesso em: 10 jul 2019.

MOREIRA, Luciano. *Combate de paz: desejar a paz não era o suficiente, foi preciso fazê-la*. São Paulo: Baraúna, 2010.

MOREIRA, Luiz Guilherme Scaldaferrri. Os múltiplos olhares sobre a história militar. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 16, n. 3, p. 271-282, set/dez 2012.

PAIVA, Norberto Soares. *Força de Paz, o outro lado de uma missão*. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 1989.



PARENTE, Paulo André Leira. Uma Nova História Militar? Abordagens e campos de investigação. *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 93, p. 37-45, 2006.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. A história militar tradicional e a “nova história militar”. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-16.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. *Violência e pacificação no Caribe*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2015.

RIBEIRO, Sílvio. *Os boinas azuis no Oriente Médio*. Curitiba: Autores Paranaenses, 2013.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

RUPPENTHAL, Tailson. *Um soldado brasileiro no Haiti*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

STOCHERO, Tahiane. *DOPAZ: como a tropa de elite do Exército Brasileiro pacificou a favela mais violenta do Haiti*. São Paulo: Objetiva, 2008.

TEIXEIRA, Nuno. A história militar e a historiografia contemporânea. *A Nação e a Defesa*, Lisboa, n. 93, p. 37-45, 1991.

UNITED NATIONS. Department of Peacekeeping Operations (DPKO). *What is peacekeeping?* Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/en/what-is-peacekeeping>>. Acesso em: 10 jul 2019.

UNITED NATIONS. *History of the UN*. Disponível em: <<https://www.un.org/un70/en/content/history/index.html>>. Acesso em: 10 jul 2019.



Carlos Daróz é Coronel de Artilharia do Exército Brasileiro, historiador militar, escritor, professor e pesquisador. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com estágio doutoral na Université Libre de Bruxelles, na Bélgica, com fomento do Programme Erasmus+ da União Europeia.

Atualmente, integra o grupo de investigação em História Militar da Universidade de Lisboa; dirige a Rede Hermes de pesquisadores internacionais de fronteiras, integração e conflitos; e chefia a Seção de Memória Institucional do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército.

ID Lattes: 6263305850710284.